

## DIMENSÃO POLÍTICA DO ROMANCE AFRICANO

**Raymundo Souza Dantas**  
ex-embaixador do Brasil em Ghana,  
e jornalista.

É sabido que nenhum outro gênero literário, seja qual for a sua ambição, alcança mais longe do que o romance, pela sua abrangência, na abordagem de fenômenos sociais e das situações humanas. Tendo absorvido vários processos, cada qual relacionado com uma ciência humana particular, invadiu domínios, inclusive estrangeiros à própria literatura, incorporando como temática fatos de civilização, de cultura e de política. Daí, não apenas o seu maior alcance, também o seu poder, ganhando dimensões que lhe garantem a sobrevivência como gênero mais próprio para o conhecimento mais profundo e a representação mais ampla das mutações das sociedades e da maneira do homem ser e estar no mundo. Muitas, pois, têm sido as suas metamorfoses, crescendo a sua importância, com a revelação de situações que nenhum outro gênero literário alcança demonstrar da mesma forma veraz e dinâmica.

O romance de origem africana, pela sua natureza e vocação, oferece exemplos expressivos deste poder e deste alcance. Projeta-se, por isso mesmo, como o veículo de abordagem mais extensiva das realidades, quer da sociedade tradicional quer da ocupação colonial, quer do processo de libertação e das situações contemporâneas. Nas várias tendências em que se afirma, em suas manifestações mais diversificadas, não apenas na oposição ao colonialismo, mas também na reafirmação da identidade e das aspirações nacionalistas e na denúncia dos erros da atualidade, traz o romance africano a marca do testemunho e da participação, constituindo-se num documento da mais alta valia. Inseparável dos combates políticos e dos movimentos sociais, deles se alimenta, dando contas ao mesmo tempo das diferentes fisionomias dos povos do continente. Possibilita, além do conhecimento, reflexão mais ampla e mais profunda em torno da África de ontem e de hoje.

Não se veja nenhum exagero quando afirmo que através do romance se chega mais e melhor à problemática africana, em suas etapas distintas.

Temos, sem dúvida, a revelação de coisas, pela visão do próprio africano, que outros documentos não alcançam, ou se o alcançam, é de forma incompleta e parcelar. Torna-se o romance africano, por isso mesmo, texto de caráter histórico, notadamente, ao narrar fatos que põem em relevo realizações no particular das construções políticas, como naquele das civilizações. Nenhuma outra espécie de escrito, repito, leva ao conhecimento mais íntimo da experiência do africano, como membro de uma coletividade ou como indivíduo. Com essa mesma amplitude, cumprindo aliás vocação que leva ao compromisso social, permite por conseguinte várias leituras, pelos seus significados e mensagens.

Projetou-se o romance africano, antes de tudo, pela recusa e pela denúncia das situações coloniais, como é sabido de todos. Esta é uma de suas motivações mais fortes no protesto e na condenação. Marcado por experiência histórica específica, é antes de tudo, o produto da oposição cultural e política ao mundo europeu. Quaisquer que sejam as regiões de origem, ou o tipo de colonização que estas regiões tenham sofrido, orienta-se praticamente num só sentido, ao longo da ocupação colonial, num compromisso que é responsável, até certo ponto, pela sua grandeza e pela sua audiência internacional. Esse compromisso, aliás, que o caracteriza fortemente na primeira hora, o caracteriza também na atualidade, ao tratar dos problemas internos dos países em construção, fustigando a burocracia, o arrivismo e o nepotismo, buscando salvaguardar valores que consideram fundamentais na organização de sua nova sociedade.

Embora não se diferencie, em seu significado e em suas mensagens, seja de autoria de autor que use o inglês, o francês ou o português, a abordagem dos problemas, porém, se diversifica, estando estes problemas, em sua maioria, em função de situações que são próprias de cada um dos países, face às suas velhas e novas estruturas. Isso significa dizer que um só é o drama, variando porém as suas conseqüências de região para região, como de país para país. Mostra, assim, como a África é diversa, sem no entanto deixar de acentuar particularidades que lhe são comuns, afirmando a especificidade de suas civilizações, crenças e expectativas.

Dessa forma, através do romance, tem-se o retrato fiel da África e dos africanos, fixados conflitos os mais dramáticos e contradições as mais pungentes. No exercício da denúncia, da revolta e do combate ao colonialismo, apresentou quadros os mais realistas dos males provocados pelo sistema, enquanto que, conquistadas as independências, põe em relevo descaminhos que dão margem a frustrações sem conta. Mas não é só testemunho; vai além do documentário, transcende muitas vezes ao compromisso político. É esse mais além que o leva a um aprofundamento da reflexão em torno de destinos, como de dramas individuais, no viver cotidiano, ao que deve, também, o seu caráter exemplar. Daí, recorde-se, o registro de que várias são as suas vertentes. Se é importante, pois, a vertente político-social,

que enfatizo, também o são as suas manifestações inspiradas em outras vivências e problemas de natureza humana e psicológica, que descreve em detalhes, situando-os em seus contextos concretos.

A verdade é que o africano fez da criação literária prolongamento da luta política. Como também é verdade que estão entre os escritores africanos de língua francesa aqueles que mais se destacaram na denúncia do colonialismo, através do romance, inclusive em quantidade. Puseram eles a nu males do sistema, focalizando um cotidiano de humilhações, sevícias, violências e racismo. Muitos deles, nesta altura da evolução literária e política do continente, pela influência que exerceram, são considerados históricos, tais como Ferdinand Oyono, dos Camarões, que tem um de seus livros, "O Velho Negro e a Medalha", traduzido no Brasil; Jean Malonga, do Congo; Sembène Ousmane, do Senegal; Seydou Badian, do Mali; Camara Laye, da Guiné; Bernard Dadié, da Costa do Marfim.

Não se deve, porém, a um africano, o primeiro romance com estas características, mas a um martiniquenho. Refiro-me a René Maran, que foi administrador de certa possessão francesa, então denominada Oubangui-Chari, hoje República Centro-Africana. Escreveu ele, nos idos de 1921, "Batouala, véritable roman nègre", que se tornou célebre, abordando um dos temas mais fecundos da literatura africana moderna. Resultado da tomada de consciência lúcida e dolorosa, denuncia o efeito destruidor do colonialismo sobre a sociedade africana, sendo inclusive considerada como obra precursora da própria negritude.

Os primeiros africanos a seguir a senda de René Maran, isto é, a senda do romance de predominância contestatória, através do qual se tem a medida exata do seu empenhamento político, aprofundaram a abordagem, fazendo valer, no mais amplo sentido, a sua própria experiência, como testemunhas e protagonistas. Sua visão, pois, é captada do interior mesmo das situações, não nos chegando através de intermediários, possibilitando dessa forma o conhecimento real e direto das vicissitudes e das revoltas africanas no período colonial, conforme atestam os livros de Ferdinand Oyono, Mongo Béli, Sadji.

Os escritores africanos de língua inglesa, porém, não deixaram de se fazer presentes nesta vertente inicial do romance africano, embora isso tenha acontecido em escala menor. Cite-se, como dos maiores, Chinua Achebe, da Nigéria. Seus romances têm como temática as situações da África antes e durante a dominação, enaltecendo o sistema tradicional de vida e denunciando as perturbações motivadas pela imposição do sistema colonial. Trata-se de obra cíclica, que alcança largo período da experiência nigeriana em uma de suas regiões mais características, em que se misturam história e

ficção, coisas vistas e vividas. Também os escritores das Áfricas dominadas então pelos portugueses não se deixaram mudos, mas o seu exercício da denúncia e da condenação foi mais heróico do que em qualquer outra parte, em virtude da brutal repressão, melhor dizendo, do caráter primitivo e bárbaro de sua dominação. Entre estes, porém, foi a poesia e não o romance, o gênero de maior prestígio e mais preponderante, o que acontece ainda hoje. Destaque-se, no entanto, os romances de Castro Soromenho, pelo seu valor histórico e literário, análise de um estado de coisas em que surpreende o agente colonial em sua atuação aviltante e depois aviltado também ele, as novelas e narrativas de Luandino Vieira, pelo seu testemunho do início da revolta, um e outro nos espaços angolanos, e ainda Manuel Lopes, o extraordinário escritor cabo-verdeano, pela sua visão trágica do abandono do homem, que o sistema colonial condena à pior sorte; face aos flagelos, este romancista muito influenciado pela narrativa nordestina brasileira.

O engajamento, através do qual se projeta o romancista africano na sociedade colonial, estende-se ao período contemporâneo, representado pelas críticas às novas situações políticas identificadas como descaminhos no processo revolucionário. Acontece, neste novo período, notadamente entre os escritores originários dos países de língua inglesa, a grande afirmação do romance político propriamente dito. Entre as vozes mais acerbadas, entre os mais vigorosos escritores, destaque-se os nigerianos Daniel Okara, Cyprian Ekwensi, Wole Soyinka, T.M. Aluko, os ganenses Kwei Armah e Cameron Duodu. Ao lado da desilusão política, refletem fundo sobre a degradação do poder africano, pondo em relevo desacertos e desencantos, que dificultam a busca de um novo equilíbrio para o seu mundo e a sua gente.

Nesta mesma linha, entre os escritores de língua inglesa, cuja preocupação maior é a abordagem dos problemas da África nova, está o queniano James Ngugi Wa Thiong, cujos livros refletem a resistência, dando grande destaque à revolta mau-mau e ao inconformismo político da atualidade. É um dos maiores escritores da chamada África dos grandes lagos, a África Oriental, constituída por Uganda, Tanzânia, Malawi, Zâmbia e Kênia. Naquela região, insuficientemente conhecida embora por nós, floresce literatura original, inspirada em experiências que levam os seus escritores a se debruçarem sobre lendas antigas e o passado colonial, da mesma forma que sobre os problemas e as mutações das sociedades modernas. Sem dúvida uma das mais expressivas, talvez nesta altura seja a mais importante, merecendo atenção maior, pela reflexão que seus romancistas desenvolvem em torno de si mesmos, em torno da sociedade africana de ontem e de hoje, como também em torno de certos valores universais e humanos. Os seus temas vão da evocação do passado pré-colonial, procurando reviver tradições, rememorando crenças, mitos, fábulas, enigmas, à abordagem da história

africana contemporânea, passando pelo colonialismo e as independências, detendo-se no período que se sucede, fazendo prevalecer seu inconformismo e extravasando suas críticas a certos aspectos da sociedade de hoje.

O romancista desta região que mais se projetou, até aqui, James Ngugi Wa Thiong, vindo depois dele o ugandense Ocol p'Bitok, partidário do retorno às fontes tradicionais africanas e contrário aos modelos ocidentais de vida. Outro ugandense que se projeta é Nuwa Sentongo, que com seus romances procura definir as relações entre o homem e o sobrenatural, aproveitando-se do repertório popular que o sistema colonialista quase destruiu por completo. Seria necessário citar outros, como por exemplo David Rubadin, do Malawi, mais Austin Bukonya, da Tanzânia, empenhados todos em revelar tradições orais, mas também preocupando-se com os problemas contemporâneos, num engajamento igual ao de seus companheiros de outras regiões, atendendo a uma vocação política comum — a um comprometimento, melhor dizendo.

O quadro, porém, ainda não estaria completo, se deixasse de citar os escritores sul-africanos, estes aliás em sua maioria no exílio, como consequência de uma repressão sistemática. De Peter Abrahms, passando por Bloke Modissano, Ezekiel Mphahle, Alex La Guma e chegando a esta poderosa revelação de ficcionista que é Mtutuzeli Matshoba, originário de Soweto, um dos valores da literatura de contestação que começou a florir na base dos acontecimentos de 1976. Com muita propriedade, os estudiosos da literatura neo-africana destacam que, enquanto o romance da África negra em geral trata dos problemas criados pelas mudanças em seu meio tradicional, mudanças estas que repercutem intensamente na sociedade de hoje, o romance da África do Sul valoriza o tema da violência, reflexo do terrorismo que domina a vida naquele país, em todas as frentes. As motivações da literatura sul-africana são outras, ligadas ao combate ao racismo e a uma política de dominação política, social e econômica, sobre a qual os romances de Peter Abrahms refletem em toda a sua tragicidade. Exatamente o que se pode atestar, em termos de hoje, de agora, melhor dizendo, com a leitura deste jovem Matshoba, cujas novelas começam a ser divulgadas fora da África. O problema, pois, muda de figura, além de ser de outra natureza, o que significa dizer que as condições diferem em tudo e por tudo, levando o escritor não apenas à denúncia, mas ao combate. Como as demais literaturas africanas, no entanto, alimenta-se da realidade ambiente, no seu caso realidade explosiva, aparecendo o romance como o gênero mais em voga, exatamente pela sua abrangência e diversificação, na abordagem das vicissitudes de todas as Áfricas, a um só tempo tão diferentes e parecidas, em suas múltiplas realidades políticas, econômicas, sociais e culturais.

Em seu inconformismo político, os escritores africanos de língua inglesa foram mais longe, alcançando mais fundo, em seu requisitório. Pode-se apontar, não obstante, nomes da literatura francófona, que também de maneira lúcida e corajosa afrontaram os problemas da África nova, e que inclusive se destacam pela qualidade literária. Estão, entre estes, os que melhor reproduzem modos de expressão autenticamente africanas, como por exemplo Amadou Karouma, da Costa do Marfim, autor do "Sol das Independências", outro já traduzido no Brasil. Impressiona, principalmente, o ceticismo desse romancista, face a certos rumos que determinados países tomaram depois das independências, um dos temas de seu romance. Destaque-se sua visão da metrópole africana de hoje, turbulenta e tentacular, algo barroca, com a mistura do tradicional e do moderno. Aborda, também, neste romance de bela e original feitura, o interior africano, mostrando o desenrolar cotidiano da vida na aldeia, em seus aspectos mais característicos. A grande força deste romance, porém, está na violenta sátira política que representa, em sua totalidade, mostrando uma classe dirigente agarrada a privilégios, uma nova burguesia plantada num luxo insolente, uma elite, enfim, alienada dos verdadeiros interesses e aspirações da comunidade.

Outro fascinante romancista, que soube retratar as novas situações com vigor e realismo, foi Camara Laye, que depois de seu lírico e poético "L'Enfant Noir", no qual fornece visão idílica da África antes da presença do colonialista, enveredou pelo caminho da contestação e da denúncia, relatando a grande decepção política, face às situações contemporâneas, com o romance "Dramouss". Na mesma linha, dando as mesmas ênfases, quanto ao desencanto, está Seydou Badian, do Mali, encarnando uma África em cuja imagem prevalece a constância e a fidelidade às virtudes ancestrais. Refletindo sobre as novas realidades políticas e sociais, denuncia os erros de uma sociedade que hesita, destacando os dramas do êxodo do interior para as tentaculares cidades, onde pseudos valores são entronizados. Muito se apreende, também, das realidades africanas contemporâneas, na leitura do congolês Henri Lopes, que destaca um problema dos mais cruciais. As críticas dele vão para aqueles que, não tendo guardado da cultura africana senão hábitos destituídos de maior significação, procuram exemplos para seu viver entre os costumes que lhe foram impostos na época colonial. Com a mesma dimensão, inspirado num requisitório impiedoso, coloca-se o camaronense Francis Babey, pelas suas preocupações face às mudanças que conduziram aos conflitos ideológicos da atualidade. Todos, entre os citados, têm como objeto operar a ansiada e necessária síntese entre o antigo e o novo, ao mesmo tempo que denunciam descaminhos do poder africano, apontados como um câncer no corpo do continente.

Veja-se ainda, como exemplo dos mais expressivos, o veterano Sembène Ousmane, escritor senegalês, cuja produção data das primeiras manifestações do moderno romance africano. Sua obra, extensa e variada, essencialmente de combate e de crítica social, alcança seu ponto mais alto ao retratar a formação da consciência social e política do proletariado africano e das populações urbanizadas. Os últimos romances de Sembène Ousmane fazem o processo da nova burguesia, ao mesmo tempo que denunciam a incapacidade de certos sistemas em vigor para satisfazer as aspirações das massas. A sua validade está, exatamente, na abordagem dos aspectos que, pela sua natureza, são uma mostragem das dolorosas contradições das sociedades africanas modernas, no que tange às dimensões político-sociais.

Entre os escritores de hoje muito se fala, também, em Yambo Ouologuem, que apresenta imagem a mais sombria da vida africana no passado e no presente, cruel e contraditória. O maior mérito deste romancista está na recusa da visão etnológica, considerando ele os etnólogos como mistificadores da África e de seus valores. Reescreve a história de suas civilizações e de sua gente, mostrando uma África que considera real, o oposto de tudo que sobre ela já se disse, inclusive entre os próprios africanos. Para Yambo Ouologuem, a África real é uma terra de violência, de intriga e de corrupção. Trata-se de uma terra sacudida por todo tipo de conflitos e de guerras, ao longo dos tempos, na qual os impérios teriam sido construídos ao preço de sangue e onde o poder se conserva pela sujeição das raças e dos povos. Nega, dessa forma, sua tranquilidade secular, confrontando a África de ontem com a de hoje, abjurando assim a visão idílica do passado e o discurso ocidental sobre os povos e os problemas africanos.

Os problemas africanos são, dessa forma, tratados ao nível do romance. Transforma-se a literatura africana num longo interrogatório sobre a condição do novo homem que está sendo forjado em meio a mudanças as mais diversas, marcado pelos conflitos os mais explosivos e necessidades as mais urgentes. Ainda para a melhor compreensão de seus dilemas e aspirações, destaque-se o romance "Um Fuzil na Mão, um Poema no Bolso", também já traduzido no Brasil, romance do congolês Emmanuel Dongala, que aborda os problemas da guerrilha e das tomadas de consciência política de suas populações. Enfim, conta ele a história da dinâmica da revolução africana, através de longa peregrinação, ao longo dos caminhos de uma África que revela como das artes e das armas. Daí a afirmação de que constitui-se o romance documento o mais veraz das situações africanas. É o exemplo mais recente vem do Níger, cuja literatura está em franca florescência. Cite-se autores como Idé Oumarou, que pinta quadro trágico da nova sociedade de Niamey, em muito parecida com as da maioria das cidades africanas, Amadou Ousmane, Halillou Mahamadou, Diado Amado e Ada Bureima, que desenvolveu forma de escrever muito africana, pondo em relevo seus tons mágicos e lúdicos, como também sua vocação da crítica, como por

exemplo ainda Sony Labou Tansi, do Congo, e William Sassine, da Guiné, jovens romancistas recém-revelados, autores de romances de caráter político. Não se definem apenas pelo protesto ou pela denúncia, também pela defesa e a valorização de uma cultura até bem pouco ignorada ou sistematicamente rebaixada.

4

Informando sobre as múltiplas realidades africanas, como o faz, o romance atende à enorme ignorância que ainda existe das sociedades africanas e de seus problemas. Preenche silêncios e omissões, por exemplo, da sociologia e da história, levando à retificação de incorretas compreensões de muitas de suas realidades. Uma dessas realidades, aliás das mais características, é a desagregação das comunidades tradicionais, situadas no interior, desagregadas pelo êxodo para as aglomerações urbanas, desenvolvidas ou criadas pela ocupação colonialista. Trata-se de tema dos mais encontrados nas primeiras manifestações romanescas africanas, sendo a consequência dessa desagregação objeto, também, de importantes obras de autores mais recentes. Pelo seu poder e abrangência, o romance mostra, através de quadros os mais realistas, como vivia o africano em seu espaço tradicional, e como passou a viver, na cidade implantada pelo colonialismo, em geral fonte de tensões e de discriminações raciais e políticas.

O que se apreende, pela leitura do romance, é que impondo nova maneira de vida, fazendo valer suas concepções, o colonialismo opôs, à comunidade tradicional, o centro urbano, ao qual atraiu o africano do interior, que perde o contacto com os seus valores culturais, ao mesmo tempo que a segurança que lhe proporcionava a sociedade tradicional, sem se beneficiar no entanto das vantagens do novo centro. Passa, assim, a ser um desterrado, pior ainda, um desenraizado em sua própria terra, o que é mostrado em conotações as mais dramáticas. Entre os romancistas que melhor abordaram o fenômeno, confrontando o espaço tradicional africano, com o universo citadino, marcadamente europeizado, sede da vida econômica, burocrática, política e industrial, estão, entre os da primeira hora, Mongo Beti, dos Camarões; Abdoulaye Sadi e Alioum Fantouré, do Senegal; Chinua Achebe, Cyprian Ekwensi e Flora Nwapa, da Nigéria, destacando-se, nesse particular, Cyprian Ekwensi, com o seu "Jagua Nana", que aborda as novas formas de vida social e organização política urbanas; Bernard Dadié, da Costa do Marfim. Volto a citar, entre estes, Ferdinand Oyono, pelo seu "O Velho Negro e a Medalha", tendo em vista a imagem que também oferece da aldeia empobrecida, mas guardando certos de seus valores, e da cidade florescente, tido como Eldorado, porém em tudo e por tudo considerada verdadeiro inferno, que corrói e degrada.

Esta visão, colhida nos romancistas mais antigos, está presente também em alguns dos mais recentes, colocando-se estes, porém, em perspectivas

mais amplas. Há os que se preocupam com o retorno ao espaço tradicional, glorificando a vida da aldeia, buscando a reconquista da coesão e a restauração da solidariedade perdida. É a idealização do tradicional, a procura, enfim, da prevalência de uma África fiel às virtudes ancestrais. Em alguns casos, estes romancistas são acusados de preferirem o imobilismo, recusando a dinâmica das mutações. O que não acontece, por exemplo, com Francis Bebey, outro originário dos Camarões, romancista das situações novas, cuja obra representa tomada de consciência mais lúcida das realidades contemporâneas. No que se relaciona às grandes cidades, tentaculares por natureza, não obstante todo o mal que se diz delas, palco de contradições sem conta, considera aquele romancista que são elas também África, cabendo apenas, nesta altura, buscar o equilíbrio que lhes falta. Conforme um outro escritor, Yves-Emmanuel Dogbé, do Benim, antigo Daomé, as cidades criadas pela colonização, em sua maioria, existem e nelas se deve viver. Nesse particular, tem a palavra mais grave o sábio historiador Ki-Zerbo, do Alto-Volta, quando afirma que a cidade é, verdadeiramente, o laboratório da nova sociedade em gestação. Enfim, o meio urbano e o novo quadro da vida africana merecem do romance atenção especial, sendo indispensável, para melhor compreensão do fenômeno, a sua cuidadosa leitura, pois faz minucioso levantamento de suas condições e perspectivas.

Vamos verificar, ainda, através do romance, que o centro urbano, na África, não foi invenção do colonialista. Este, na maioria dos casos, reorganizou-o, conforme seus interesses e objetivos. Houve, no passado, no período pré-colonial, prestigiosas cidades, pontos de referência de civilizações as mais diversas do mundo africano. O romance histórico, gênero também adotado pelo africano, oferece testemunho expressivo desse fato. Sabe-se, por exemplo, da importância dos reinos da África medieval, pelo prestígio e situação de capitais como Niani, do império do Malí, cenário do romance "Soundjata", de D.T. Niani, da Guiné. Citaria, ainda, valendo-me de um autor de quinhentos anos, Mahmoud Kati, a soberba e monumental cidade de Tombocutú, uma das metrópoles do império do Malí, de intensa vida intelectual e política, na qual se desenrola sua narrativa "Tarik el Fettah", cidade esta ainda existente, objeto de veneração e estudo. Houve outras, muitas outras, que atravessaram os séculos, com características próprias, inclusive em termos de arquitetura. Não poderia deixar de listar, também, as cidades do Abomey, descritas no romance "Doguicin", de Paul Hazoumé. Eram centros administrativos, comerciais, políticos e militares, em nada porém incompatíveis com a organização e a concepção africana da vida. O romance oferece, também, este testemunho, valendo-se principalmente da tradição oral, base verdadeira da tradição africana, qualquer que seja a sua vertente, não importam as suas tendências.

O romance projetou-se, assim, com a mesma força, ou mais ainda, com que se projetou a poesia. Abdicando finalidades doutrinárias, que marcaram a poesia, debruçou-se sobre as realidades sociais, apresentando imagem mais exata, ou fundamentalmente mais dinâmica, do cotidiano africano propriamente dito. Assumindo o compromisso que lhe coube como herança da literatura oral, atende o romance a um papel diferente, possibilitando assim visão ampla e profunda das situações e dos problemas do mundo africano, em todas as suas latitudes.

Pela sua atitude crítica, face à natureza de suas reflexões sobre a atualidade, muitas vezes dá a impressão de aceitar a África nova, independente, começado mal, continuando pior. Para a medida exata, porém, dos sentimentos do romancista africano, diante dos problemas surgidos com as independências, parece-me importante conhecer depoimento de um deles, Henri Lopes, no qual está explicitado qual o verdadeiro papel do escritor africano. Salienta que, através de suas obras, fala o romancista de um certo número de males que existem nas atuais sociedades africanas; isso não implica que esteja condenando as independências, pois não diz e nem pensa que tenham sido um mal. Em todas as sociedades, acrescenta Henri Lopes, os escritores sempre criticaram e criticam aquilo que consideram como retrógrado. Não quer dizer, acentua ainda o romancista congolês, que aqueles que assim o fazem coloquem-se em oposição ao seu país, ou considerem que esteja o mesmo num irremediável mau caminho. O que faz, assim agindo, é chamar a atenção das consciências sobre um certo número de contradições, numa reflexão crítica e objetiva de caráter sócio-político.

Pode-se dizer que a função do escritor africano é essencialmente pedagógica. Conforme um dos maiores romancistas da Nigéria, o já citado Chinua Achebe, tem como principal objetivo ajudar a sociedade a recuperar a confiança em si mesma e afastar os complexos resultantes de anos de aviltamento de sua cultura e de sua civilização, buscando evitar piores impasses. Tem, assim, a literatura africana moderna, notadamente o romance, caráter didático, além de moralizante, ainda mais quando atrai a atenção para o problemas surgidos depois das independências, nestes últimos vinte anos de experiência. Ainda é o mesmo Chinua Achebe quem afirma que o romancista torna-se mais consciente de suas responsabilidades, conduzindo-se inclusive como porta-voz dos sentimentos de desilusão e de suas angústias. Não pode, a seu ver, ficar indiferente ao esfacelamento da sociedade, nem sustentar cegamente e em nome do nacionalismo ou de uma ideologia qualquer, inadequada à realidade, direção política que contrarie os postulados dos movimentos de libertação, anulando conquistas e estrangulando aspirações.

Repensa dessa forma, o escritor africano, as fundações de uma África moderna, criticando aqui a fragilidade da nova classe dirigente, ali analisando com realismo situações sócio-políticas em face da tradição e da modernidade, acolá denunciando o que dificulta a própria coerência interna de cada novo país independente, caracterizando, assim, o seu empenhamento político. Tudo, aliás, é política e conduz à política, na África moderna, o que aliás mostra o próprio romance, fazendo-se como se fosse a política uma espécie de religião. Na verdade, a política, entre os africanos de hoje, é quase isso, tratando-se, como se trata, de um fato maior, no próprio funcionamento de suas novas sociedades. Toda a literatura africana moderna está impregnada pela política, tendo, por assim dizer, a sua própria gênese num fato político, que foi a denúncia e o combate ao colonialismo.